

O Último Livro de Crônicas de João Jacques

Teóricos de literatura — e os há em maior quantidade do que em qualidade — costumam radicalizar posições, ora rejeitando, ora aceitando a crônica diária como gênero literário.

MODUS IN REBUS, podemos, de nossa modesta posição de colunista hebdomadário, concluir que cronistas há que fazem legítima literatura, como Humberto de Campos no passado e Rubem Braga na atualidade, para falar em termos nacionais. Aqui, entre nós, a despeito da aparente leveza dos assuntos, João Clímaco Bezerra, enquanto morou no Ceará, e Milton Dias, presença obrigatória nas páginas literárias da Província, sempre persistiram em escrever literariamente suas crônicas. E outros cronistas, não muitos (é bem verdade), merecem por igual esse elogio, abrindo-se-lhes de par em par as páginas de jornais e revistas para crônicas do maior valor e melhor sabor.

O mal é que outros (mais numerosos, infelizmente) não percebem que aquelas crônicas merecem o qualificativo de literárias não por serem crônicas, mas pelo pendor artístico de seus autores. E esses, com sua insulsa pretensão, prejudicam toda a classe, com suas moxinifadas intragáveis.

Temos, assim, concluído, como ocorre aliás em tudo o mais, que há cronistas e... cronistas. Que alguns se servem do gênero para fazer literatura da melhor espécie, porque se acham armados cavaleiros para tão bela empreitada, enquanto outros, desprovidos da imperceptível diferença, inflacionam as páginas dos jornais com intoleráveis estiradas que se repetem impunemente.

Estas nossas considerações vêm a propósito de recente livro de crônicas em que, de par com a modéstia de seu autor, nos são ofertadas páginas gostosas e dignas de serem lidas, numa linguagem acessível embora agradável ao mais fino paladar literário. Referimo-nos ao mais recente livro de crônicas de João Jacques (*A Canção do Tempo*, Imprensa Universitária da Univ. Fed. do Ceará, Fort., 1979). São pouco menos de 150 páginas, com sessenta e tantas crônicas, em sua maioria escritas quando da rápida permanência do autor em Brasília, para cumprir obrigação funcional. Por isso mesmo, notam-se nesses trabalhos indistintáveis tons de nostalgia, que emprestam à obra aquele "sal" tão ao gosto do povo brasileiro. Aliás, ao gosto dos habitantes do mundo inteiro,

pois o lirismo é próprio do homem, qualquer que seja o quadrante em que se ache.

Não queremos, todavia, limitar esta apreciação da obra aqui referida ao seu simples aspecto artístico. Queremos avançar, ressaltando a personalidade de seu autor, rica em qualidades humanas e toda presente nas páginas da obra. Podemos, sem medo de erro, dizer que João Jacques é daqueles que passam a vida fazendo o bem — PER TRANSIT BENE-FACIENDO —, não existindo mesmo, ao que sabemos, ninguém que haja sido ferido, dolosamente, por ele. E por isso também honra lhe seja! Por sinal que essa separação por nós aqui tentada, entre a obra e o autor, parece afinal impossível. O estilo é o homem — diz-se há muito tempo. Seria impossível emitir a bela mensagem de bondade e espírito cristão que João Jacques nos transmite em sua obra toda, inclusive nesta última que estamos a comentar, sem que sua alma se ache dela impregnada. E o que observamos em *A Canção do Tempo*. Inclusive em *O Pão e a mulher do jardineiro*, onde é sutilmente lembrada a verdade escatológica que o agitado mundo de hoje se esforça por ignorar: há sempre uma porta, invisível mas real, separando o mal e Deus.

É grande o bem que faz a leitura desse último livro de João Jacques. Leitura amena mas que faz pensar. Crônicas simples que disfarçam belas páginas de fina literatura.

Pixinguinha Biografado

Conheci, pessoalmente, Edigar de Alencar, cearense radicado no Rio de Janeiro desde 1926, há alguns anos, quando Artur Eduardo Benevides, durante o Reitorado de Martins Filho, realizou esplêndido programa à frente do Departamento de Cultura da Universidade Federal do Ceará, trazendo a Fortaleza figuras de prol da literatura brasileira e cearenses que se impuseram pelo seu valor nos diversos rincões do território nacional.

De há muito, porém, acompanhava eu o sucesso de Edigar de Alencar, principalmente no registro da música popular brasileira. E com que alegria tomei conhecimento de que a canção carnavalesca que primeiro aprendi, nos idos de 1921, era de sua autoria! Fortaleza, então, cantava a marchinha que ainda hoje sei de cor e assim começa:

Maracujá no pé
tem cheiro de alecrim...